

CADERNOS CIAJG
Centro Internacional das Artes José de Guimarães

Encontros Para Além da História
Beyond History Encounters

CIAJG NOTEBOOKS
José de Guimarães International Centre for the Arts



UNIAO EUROPEIA
Fundamento
do Desenvolvimento Regional

Encontros Para Além da História
Beyond History Encounters

	INTRODUÇÃO INTRODUCTION NUNO FARIA
11	<i>Da potência do encontro</i>
177	<i>The power of the encounter</i>
	CONFERÊNCIA LECTURE PHILIPPE ALAIN-MICHAUD
15	<i>Mnemosyne, a história da arte e a instituição do palco do saber</i>
181	<i>Mnemosyne, art history and the institution of the stage</i>
	CONFERÊNCIA LECTURE ULRICH LOOCK
37	<i>Porque será que a arte contemporânea tem de ser académica?</i>
195	<i>Why contemporary art has to be academic?</i>
	LEITURA READING 1: DANIEL BARROCA
57	<i>O importante é ligar a cabeça à mão</i>
211	<i>The important thing is to connect the head to the hand</i>
	LEITURA READING 2: MANUEL SANTOS MAIA
71	<i>Mosaicos de céus guardados em caixas de horizontes</i>
221	<i>Patchwork of skies stored in horizon boxes</i> Texto/Text André Lamas Leite
	LEITURA READING 3: JOÃO SOUSA CARDOSO
79	<i>As sobrevivências num cinema a quatro mãos</i>
227	<i>Survival in a four-hand cinema</i>
	LEITURA READING 4: PAULO LUÍS ALMEIDA
95	<i>Desenhar entre o arquivo e o repertório</i>
239	<i>Drawing between the archive and the repertoire</i>
	LEITURA READING 5: JOAQUIM MORENO
105	<i>Diagnóstico ritual</i>
247	<i>Ritual Diagnosis</i>
	SESSÃO CONJUNTA GROUP SESSION
139	<i>Moderadores Nuno Faria e Eglantina Monteiro</i>
269	<i>Moderators Nuno Faria and Eglantina Monteiro</i>
172	<i>Biografias</i>
300	<i>Biographies</i>



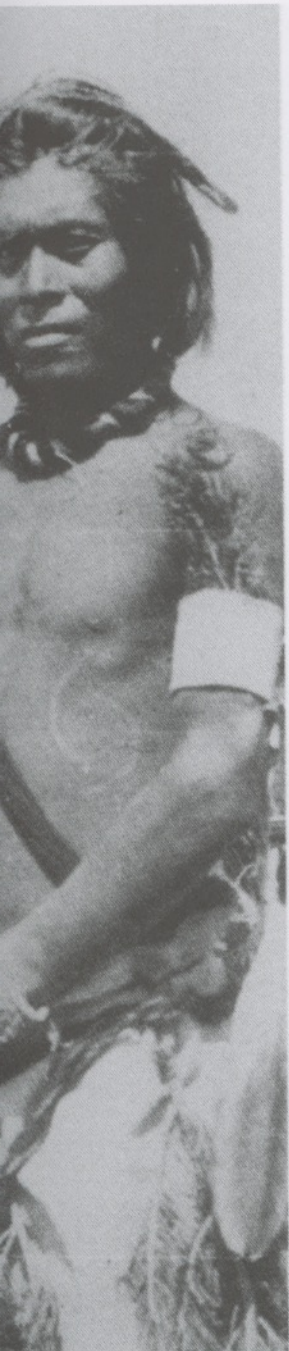
DIAGNÓ

Joaq

Muito bom dia. Muito obrigado para uma comunhão de chatos sábado de manhã às 10h30, que ontem à noite. O que vou tentar ratos de biblioteca, porque o que tura cruzada, ou uma leitura a

Retenho da exposição a m tinha um curandeiro e não um coisa, porque evidentemente o quer, cura, toma conta. Mas intelectual, parecido ao que p diagnóstico ritual. Portanto, a o diagnóstico ritual, que é ev O curandeiro que interpreta sin cura. Noutras línguas se calha entre curador e curandeiro e esta ideia de curandeiro. E, ev deiro, eu juntei três coisas que sistemático, mas organizar e partilhada e coletiva. Portanto aqui as pontes, no fundo, par zer os ingredientes, e agora va Os ingredientes vêm de lugares minha relação com as coisas. A sas que me pareceu important exposição. São três textos que t percurso intelectual.

O inquietante *Unheimlich*, e em português se traduz de fato de empréstimo uma palavra it



DIAGNÓSTICO RITUAL

Joaquim Moreno

Muito bom dia. Muito obrigado. Devo anunciar que vim preparado para uma comunhão de chatos, porque só está aqui a ouvir-me falar sábado de manhã às 10h30, quem não teve nada melhor para fazer ontem à noite. O que vou tentar fazer é uma espécie de aventura para ratos de biblioteca, porque o que o Nuno me propôs era fazer uma leitura cruzada, ou uma leitura aberta, enfim, uma leitura.

Retenho da exposição a memória de ter pensado que ela de fato tinha um curandeiro e não um curador. E é importante explicar esta coisa, porque evidentemente o próprio curador, noutra língua qualquer, cura, toma conta. Mas nesta exposição há outro movimento intelectual, parecido ao que penso podia ser o título deste mix: o tal diagnóstico ritual. Portanto, as peças deste puzzle são para pensar o diagnóstico ritual, que é evidentemente o que faz o curandeiro. O curandeiro que interpreta sinais e que prescreve um ritual enquanto cura. Noutras línguas se calhar não dá para fazer este humor, mas entre curador e curandeiro eu acho que preferia chatear o Nuno com esta ideia de curandeiro. E, evidentemente, para pensar neste curandeiro, eu juntei três coisas que eu ia tentar organizar, não de modo sistemático, mas organizar enquanto seminário, enquanto leitura partilhada e coletiva. Portanto, estou a contar com vocês para fazer aqui as pontes, no fundo, para cozinhar isto. Achei que podia trazer os ingredientes, e agora vamos tentar cozinhar esta coisa toda. Os ingredientes vêm de lugares distintos, de diferentes províncias da minha relação com as coisas. A sua escolha é feita em função de coisas que me pareceu importante mobilizar para ler, para negociar a exposição. São três textos que têm posições muito diferentes no meu percurso intelectual.

O inquietante *Unheimlich*, que é um texto de 1919 de Freud, que em português se traduz de fato como *inquietante*. Mas preferia tomar de empréstimo uma palavra italiana que me parece mais precisa a

explicar este conceito: o *insólito*, por prefixação de *sólito*, comum, que é parecido a *Heimlich* e *Unheimlich*. Este é um texto, sobretudo nos anos 90, fundamental para descodificar alguma teoria da arquitetura, sobretudo para descodificar Anthony Vidler, para descodificar a geração de teóricos que põe a arquitetura no divã.

O outro é mais ou menos óbvio: o *Ritual da Serpente*, que eu gostava sobretudo de ler em vez de tresler. Não era contextualizar, era ler. Perceber onde é que aquilo se move e quais são as pontes que encontramos ali.

E depois o terceiro é o mais confessional: o *Síndrome Norte Africano* de Frantz Fanon. Provavelmente fica claro que o ritmo é o primeiro, o ritual seria o segundo e o diagnóstico o terceiro. Eu tinha ficado bastante fascinado com esta exposição e depois tive uma espécie de epifania humilde a apanhar seca no Cais do Sodré, depois de ter perdido um comboio. A feira do livro do Cais do Sodré tinha esta coisa maravilhosa (*Em defesa da revolução Africana*) por humildes 5 euros, edição angolana de 1980 do Instituto Nacional do Livro e do Disco, que é uma tradução de um livro francês de 1969 que compila os textos mais dispersos, menos sistemáticos de Frantz Fanon, que é absolutamente extraordinário sobre o problema do diagnóstico. É que aqui o diagnóstico não é ritual, é um diagnóstico que insulta. É absolutamente incapaz de ver o outro. Depois juntei estas coisas todas. Fiquei um bocado assustado porque Freud era psiquiatra, Frantz Fanon era psiquiatra e *O Ritual da Serpente* é uma conferência no hospital psiquiátrico, além Binswanger (médico de Warburg) ser amigo do Freud. Fiquei um bocado assustado, mas vou tentar não sobre-interpretar esse lado estranho disto ser tudo no divã, mas acho importante mesmo para a lógica do diagnóstico ritual pensar como é que o ensaio de Aby Warburg sobre o ritual tem como função contrariar o seu diagnóstico, demonstrar a sua sanidade. Ele usa o ritual para demonstrar que pensa, usa o animismo, usa o que está antes da sanidade para demonstrar a sua própria sanidade. O que eu estou a tentar é que a gente consiga chegar a este tal diagnóstico ritualizado que os curandeiros podem fazer, e eu acho que os curandeiros têm uma contribuição importante. Como não tinha muitos cromos para mostrar, andei a escrever nos textos, nos *pdfs*, que é para termos alguma coisa para seguir.

Ia começar então pela caiz... vocês perguntam, vocês ajudam a falar mais de 45 minutos e perceber, ou o tipo está a dar vontade, tomem isto como se tomar café. Entrem, saiam, e nos rituais propiciatórios. A c

O primeiro texto, de qu... *Unheimlich*, em inglês traduz... têm um funcionamento parec... de fato imenso tempo a pensa... há tradução standard deste t... brasileira que toma o termo... *O Estranho* não faz particular... o inquietante, o assombrado, o... pertinência, ainda que eviden... em português, nem sequer fu... sobre o duplo, sobre o assomb... goria do inquietante, que é u... Há um assustador que simple... mete medo porque assombra... mento. Qual é o centro comu... guir o inquietante de todas as... ras. E, para fazer esta coisa, fa... os intelectuais, vai passear pa... abertura de um homem dedie... ler e vai ver os dicionários tod... muito que era o *Unheimlich*. R... cebe que o inquietante, o ins... o que é inquietante é o desfar... é comum, é acolhedor. E é d... ção, que ele se transforma em... dicionário, não vai dar uma v... uma volta pelo dicionário par... si o seu duplo, o seu negativo... interna. E, o inquietante é a cl... que é conhecido e familiar... u

fixação de *sólito*, comum, que te é um texto, sobretudo nos r alguma teoria da arquitetura de Tony Vidler, para descodificar a tura no divã.

Ritual da Serpente, que eu gostava era contextualizar, era ler. Mais são as pontes que encon-

cional: o *Síndrome Norte Africano* claro que o ritmo é o diagnóstico o terceiro. Eu tinha posição e depois tive uma espereira no Cais do Sodré, depois de o do Cais do Sodré tinha esta *ção Africana*) por humildes 5 Instituto Nacional do Livro e do francês de 1969 que compila náticos de Frantz Fanon, que o problema do diagnóstico. É um diagnóstico que insulta. ro. Depois juntei estas coisas porque Freud era psiquiatra, *da Serpente* é uma conferência nger (médico de Warburg) ser sustado, mas vou tentar não isto ser tudo no divã, mas acho diagnóstico ritual pensar como ritual tem como função consua sanidade. Ele usa o ritual nismo, usa o que está antes da ia sanidade. O que eu estou a este tal diagnóstico ritualizado acho que os curandeiros têm ão tinha muitos cromos para s, nos *pdfs*, que é para ter-mos

Ia começar então pela caixa de ritmos. E vocês interrompem-me, vocês perguntam, vocês ajudam, vocês discordam. Se um tipo está a falar mais de 45 minutos e ninguém diz nada, ou ninguém está a perceber, ou o tipo está a dar uma seca mortal. Portanto, estejam à vontade, tomem isto como se fosse um concerto de *Stockhausen*, vão tomar café. Entrem, saiam, estejam perfeitamente à vontade, como nos rituais propiciatórios. A corrida vai durar o dia todo...

O primeiro texto, de que os arquitectos gostam imenso, o *Unheimlich*, em inglês traduz-se por *Uncanny*, porque *canny* e *uncanny* têm um funcionamento parecido ao original. Em português, eu andei de fato imenso tempo a pensar como é que se traduzia isto porque não há tradução standard deste texto para português, há uma tradução brasileira que toma o termo da tradução francesa *O Estranho*. Ora, *O Estranho* não faz particular sentido porque o que este texto debate é o inquietante, o assombrado, o insólito. E sólito e insólito têm alguma pertinência, ainda que evidentemente é esticar a corda, porque sólito em português, nem sequer fui ver se existia. Isto é um texto de 1919 sobre o duplo, sobre o assombrado, sobre como esta particular categoria do inquietante, que é uma categoria particular do assustador. Há um assustador que simplesmente mete medo, mas o inquietante mete medo porque assombra, porque é um duplo, é um reconhecimento. Qual é o centro comum que permite, no inquietante, distinguir o inquietante de todas as coisas que são simplesmente assustadoras. E, para fazer esta coisa, faz aquela coisa clássica que podem fazer os intelectuais, vai passear para a enciclopédia. Esta é uma grande abertura de um homem dedicado às obras da consciência, que vai ler e vai ver os dicionários todos sobre este tema que lhe interessava muito que era o *Unheimlich*. E quando vai perceber este termo percebe que o inquietante, o insólito, está contido no sólito, no familiar, o que é inquietante é o desfamiliarizado... Portanto, é reconhecido, é comum, é acolhedor. E é dentro deste acolhedor, por assombração, que ele se transforma em inquietante. Ele vai dar uma volta pelo dicionário, não vai dar uma volta pela cabeça de ninguém. Vai dar uma volta pelo dicionário para perceber uma ideia que contém em si o seu duplo, o seu negativo, o seu fantasma, a sua assombração interna. E, o inquietante é a classe do assustador que nos devolve ao que é conhecido e familiar... um conceito que traz um seu fantasma,

quando tem que demonstrar a sua sanidade vai recuperar o paganismismo ancestral e perceber porque como isso é uma chave essencial de leitura transversal. Portanto, o duplo é uma articulação temporal, é passado, é o reflexo de uma estrutura mental anterior que regressa. Ela servia, enquanto estrutura mental, para organizar a relação animista com as coisas, para pensar o duplo enquanto projeção. Quando há uma superação, ele volta, evidentemente, como demónio, como assombração. Porque o inquietante, na realidade, não é nada novo ou estranho, ou estrangeiro, mas algo que é familiar e estabelecido na mente, e que se tornou estranho através do processo de repressão. Inquietante é algo que deveria ter permanecido escondido mas voltou à luz, foi basicamente desenterrado. Este é outro dado importante para ler a *Serpente*. A Serpente é uma grande unidade simbólica porque se desenterra, sai da terra.

Acho que é preciso pôr isto a tocar como um ritmo de fundo... O inquietante, o assombrado, só é possível porque vem do familiar, não é um assustador que mete medo, é um assustador que pressupõe o reconhecimento na familiaridade que se forma estranha. É um reprimido que regressa ou é um modo de pensar que a gente pensou, superado e que se presentifica. Eu acho que estas duas ideias e a ideia do conceito que contém o seu contrário dão algum jeito para a gente voltar a ver a exposição...

O ritmo já está a bombar, passemos então a outra música. Gostava de por a tocar a minha epifania menor. Confesso que não tenho viajado muitas vezes entre o Cais do Sodré e Carcavelos, mas esta foi absolutamente a mais iluminante viagem que eu fiz entre Cais do Sodré e Carcavelos... Quando cheguei a Carcavelos lá estava a malta toda bronzeada e eu na minha bolha feliz com este texto importante para a estruturação da libertação e das independências africanas; que é outro assunto coisa que tem uma relação direta quase familiar com a exposição. Frantz Fanon foi aluno de Aimé Césaire no liceu, nas Antilhas; uma das vozes da libertação que estão na exposição através do trabalho da Filipa César. Frantz Fanon é uma voz essencial dos movimentos de libertação da Argélia. Mas, o que é que ele está a fazer aqui? O *Síndrome do Norte Africano* descreve uma doença inventada, um diagnóstico que insulta. Basicamente, um diagnóstico que produz um estereótipo, que é incapaz de ler o outro. Quem

tem obrigação profissional de diagnosticar para o outro, para desumanizar, que maniza. O problema do diagnóstico é um problema essencial do

O que Fanon faz é usar e a desmontar, para perceber como era o único texto que eu tinha tica, e fiquei muito assombrado. Fanon publica com 28 anos, na França. Frantz Fanon é um filho das Antilhas. Estuda, tem um curso de Psiquiatria em Paris. E, logo, há uma imensa entre os protocolos médicos. Ele diz: "pretendo mostrar nestas Antilhas Africano emigrado em França". E a encontrar as suas leis e os seus costumes. É o conteúdo desta exposição, o difícil de pensarmos que podemos compreender aqui, este texto é sobre essa dificuldade de estar perto sem estereotipar, sem simplificar e a transversalidade simbólica. Eu acho essencial assombrar o leitor também não há outra maneira

Portanto, este reconhecimento do estereótipo, e a desmontá-lo. Este familiar que eu conheço, o *Síndrome Norte Africano* é a tranquilidade do que era a tranquilidade que eu reotipava o *mon z'ami*. Ele percebe a linguagem. Pergunto-nos "conhecimento a quem se deparam as doenças, eu sei que são terrivelmente". Outro problema, eles são invisíveis, portanto,

1 - Fanon, Frantz, O Síndrome Norte Africano

idade vai recuperar o paga-
 o isso é uma chave essencial
 é uma articulação temporal,
 mental anterior que regressa.
 para organizar a relação ani-
 enquanto projeção. Quando
 mente, como demônio, como
 realidade, não é nada novo
 que é familiar e estabelecido
 vés do processo de repressão.
 anecido escondido mas vol-
 Este é outro dado importante
 grande unidade simbólica por-

como um ritmo de fundo...
 ável porque vem do familiar,
 é um assustador que pressu-
 que se forma estranha. É um
 e pensar que a gente pensou,
 que estas duas ideias e a ideia
 dão algum jeito para a gente

então a outra música. Gostava
 Confesso que não tenho via-
 ré e Carcavelos, mas esta foi
 gem que eu fiz entre Cais do
 Carcavelos lá estava a malta
 liz com este texto importante
 as independências africanas;
 relação direta quase familiar
 no de Aimé Césaire no liceu,
 ração que estão na exposição
 Frantz Fanon é uma voz essen-
 Argélia. Mas, o que é que ele
 Africano descreve uma doença
 a. Basicamente, um diagnós-
 incapaz de ler o outro. Quem

tem obrigação profissional de diagnosticar, o médico, usa a incapa-
 cidade de diagnosticar para prognosticar, basicamente para projetar
 o outro, para desumanizar, quem tem obrigação de humanizar desu-
 maniza. O problema do diagnóstico é um problema médico, também
 é um problema essencial do próprio texto.

O que Fanon faz é usar e analisar o protocolo do diagnóstico para
 desmontar, para perceber como é que este diagnóstico insulta. Este
 era o único texto que eu tinha em português, uma tradução fantás-
 tica, e fiquei muito assombrado porque este é um texto que Frantz
 Fanon publica com 28 anos, acabadinho de sair da escola de medi-
 cina. Frantz Fanon é um filho de um integrado, de um acomodado
 das Antilhas. Estuda, tem um liceu simpático e vai para Paris e estuda
 Psiquiatria em Paris. E, logo a seguir à escola, percebe a distância
 imensa entre os protocolos médicos e os resultados desses protocolos.
 Ele diz: “*pretendo mostrar nestas linhas que, no caso particular do Norte-
 Africano emigrado em França, uma teoria da inumanidade está prestes
 a encontrar as suas leis e os seus corolários.*”¹ É outro problema impor-
 tante desta exposição, o difícil que é ver o outro e o importante que é
 pensarmos que podemos comunicar. São as duas figuras que andam
 aqui, este texto é sobre essa dificuldade de ver, de ler o outro, de che-
 gar perto sem estereotipar, sem insultar. É também sobre a persistên-
 cia e a transversalidade simbólica que nos permite pensar. Portanto,
 eu acho essencial assombrar estas duas ideias, o que é difícil, mas
 também não há outra maneira...

Portanto, este reconhecimento, de vez em quando, pode ser o reco-
 nhecimento do estereótipo, e é uma maneira de a gente começar a
 desmontá-lo. Este familiar que é preciso assombrar porque, basicamente,
 o *Síndrome Norte Africano* é uma denúncia, é uma assombra-
 ção do que era a tranquilidade com que a medicina francesa este-
 reotipava o *mon z’ami*. Ele percebe que este estereótipo chega até à
 linguagem. Pergunto-nos “*como são estas criaturas famintas de huma-
 nidade a quem se deparam as fronteiras impalpáveis (mas, por experi-
 ência, eu sei que são terrivelmente nítidas) do reconhecimento integral.*”¹
 Outro problema, eles são invisíveis, foram desumanizados. Foram
 tornados invisíveis, portanto, transgressivos. Ou seja, não é só que

1 - Fanon, Frantz, O Síndrome Norte Africano, in Em defesa da revolução Africana... p. 7

O «síndrome norte-africano»¹

Afirma-se de bom grado que o homem está sempre em questão perante si próprio, e que se renega quando pretende já não o estar. Ora, parece ser possível descrever uma dimensão primeira de todos os problemas humanos. Mais precisamente: todos os problemas que o homem se põe acerca do homem podem reconduzir-se a esta questão:

«Não tenho, pelos meus actos ou pela3 minhas abstenções, contribuído para uma desvalorização da realidade humana?»

Questão que também se poderia formular assim:

«Será que tenho em todas as circunstâncias reclamado, exigido, o homem que há em mim?»

Pretendo mostrar nestas linhas que, no caso particular do Norte-Africano emigrado em França, uma teoria da inumanidade está prestes a encontrar as suas leis e os seus corolários.

Todos estes homens que têm fome, todos estes homens que têm frio, todos estes homens que têm medo...

Todos estes homens que nos metem medo, que esmagam a esmeralda ciosa dos nossos sonhos, que importunam a frágil curva dos nossos sorrisos, todos estes homens que, frente a nós, não nos levantam qualquer questão, mas a quem levantamos questões estranhas.

Como são eles?

Pergunto-vo-lo, pergunto-mo. Como são estas criaturas famintas de humanidade a quem se deparam as fronteiras impalpáveis (mas, por experiência, eu sei que são terrivelmente nítidas) do reconhecimento integral?

¹ Texto publicado na revista *Esprit*, de Fevereiro de 1952.

eles dissimulam. A realidade
mula-os, projeta neles um
Portanto, este senhor que é
projeção insultuosa sobre o
duplo chega até ao limite da

*«O comportamento do Norte
médico uma atitude de descon
Onde é que dói? Dói tudo.
Quando é que doeu a última
custa regressar onde já não e
gente, o que espera é nunca m
com esse passado.»² O que é
este gesto, este modo de per
uma estrutura intelectual q
fígado, mas que ele usava pa
A descolagem que vai tornar
ção começa com esta doen
*probabilidade e institui-se cor
tiva.»² Tome lá isto e volte da
está de fato muito bem tradu
entre o nós, o eles e o vós, co
não fica imune de participar
nem ele. Fanon consegue esc
regime ao contrário do regim
mos no corpo, é o texto que
e modifica através da alternã
descrever o doente, que qua
não regressa ao mesmo médi
*de obter satisfação, bater a tod
dinariamente). Bate com afin
raiva.»² Este bater é feito com
Ele consegue numa simples***

² *Ibid.* p.8-9.

eles dissimulam. A realidade esconde-os, a realidade social dissimula-os, projeta neles um estereótipo. O *chibo*, o *árabe*, o *ratinho*... Portanto, este senhor que é um médico simpático percebe que esta projeção insultuosa sobre o outro, esta projeção assustada de um duplo chega até ao limite da linguagem. Fanon procede por 3 teses:

TESE 1

“O comportamento do Norte Africano provoca muitas vezes no pessoal médico uma atitude de desconfiança quanto à realidade da sua doença.”² Onde é que dói? Dói tudo. Quantas vezes é que dói? Dói sempre. Quando é que doeu a última vez? Não sei, agora. “*Dir-se-ia que lhe custa regressar onde já não está. Para ele o passado é um passado pungente, o que espera é nunca mais sofrer, nunca mais estar frente a frente com esse passado.*”² O que é que Fanon está a dizer? Evidentemente este gesto, este modo de perguntar é em si uma imposição clara de uma estrutura intelectual que, não tem evidentemente que afetar o fígado, mas que ele usava para lhe diagnosticar o problema do fígado. A descolagem que vai tornar o Síndrome do Norte-africano uma ficção começa com esta doença. “*Procede-se então a um diagnóstico de probabilidade e institui-se correlativamente uma terapêutica aproximativa.*”² Tome lá isto e volte daqui a um mês... Eu acho que este texto está de fato muito bem traduzido e a voz de Fanon consegue alternar entre o nós, o eles e o vós, consegue mudar continuamente. O leitor não fica imune de participar nesta coisa toda. Ninguém está de fora, nem ele. Fanon consegue escrever estas dobras todas. Estamos num regime ao contrário do regime do cirurgião, não somos nós que entramos no corpo, é o texto que entra no nosso corpo social e o desloca, e modifica através da alternância do sujeito. Portanto, ele começa a descrever o doente, que quando tem este diagnóstico aproximativo não regressa ao mesmo médico. “*Parte do princípio que é preciso, antes de obter satisfação, bater a todas as portas. E bate, (esta parte é extraordinariamente). Bate com afinco. Com doçura. Com ingenuidade. Com raiva.*”² Este bater é feito com raiva, com doçura e com ingenuidade. Ele consegue numa simples frase voltar a colocar esta humanidade

2. *Ibid.* p.8-9.

toda no tal doente, que é evidentemente desumanizado pelo sistema de saúde. Por isso é que eu acho que é espantoso como isto é bem escrito, porque logo a seguir o mesmo paciente pega na dor e dá uma volta com ela e torna-a física, “*agarra-a no espaço, coloca-a debaixo dos olhos do médico.*”³ Mas o intérprete desencorajante traduz, diz que lhe dói a barriga. “*A comédia ou o drama recomeça, diagnóstico e terapêutica aproximativos.*”³ Portanto, basicamente isto é um teatro, é um teatro do absurdo. “*Diz-se que uma coisa é vaga quando não tem consistência e não tem realidade objetiva. A dor do Norte-africano, para a qual não encontramos uma base lesional é tida como inconsistente, como irreal.*”³ Isto é absolutamente um processo ritual de raciocínio. Se ele não sabe explicar é porque está a mentir, não é porque eu não consigo perceber, é porque está a mentir, portanto é irreal. O Norte-africano, daqui se conclui, não gosta de trabalho. Fanon percebe a permanência da estrutura mental de causalidade mais positivista, que “*perante esta dor sem lesão, esta doença espalhada por todo o corpo, perante este sofrimento contínuo, a atitude mais fácil e a que chegamos mais rapidamente e a negação de toda a morbidez. No limite, o Norte Africano é um simulador, é um mentiroso, é um vadio, um mandrião, um preguiçoso, um ladrão.*”³ Isto é que é o Síndrome do Norte Africano, não sendo capaz de diagnosticar, projeta-se um diagnóstico ritual, arma-se um teatro e deste teatro extrai-se o insulto, a desumanização do outro.

TESE 2

“*A atitude do pessoal médico é muitas vezes apriorística. O Norte-africano não aparece como uma natureza comum à sua raça, mas sim estabelecida pelo europeu. Por outras palavras, o Norte-americano, espontaneamente pelo simples facto do seu aparecimento, entra num quadro pré-existente.*”³ É o estranho, é o importado, se não está bem, muda-se... E este quadro pré-existente é a maneira como a própria medicina opera, muito tranquila em relação aos seus estereótipos que paradoxalmente são transmitidos oralmente a ciência médica transmite oralmente, de um modo ancestral, os seus estereótipos. “*De alguns anos para cá manifesta-se uma orientação médica que poderia muito rapidamente denominar-se neo-hipocratismo. Esta tendência pretende que, face ao doente,*

3 · Ibid. p.9-11.

intenção, o proble
repouso, pois est
Perante esta
todo o corpo, p
mais fácil e à qu
a negação de toda
é um simulador, u
preguiçoso, um la

TESE II. —
rística. O Norte-A
à sua raça, mas sim
o Norte-Africano,
aparecimento, entra

De há uns ano
dica que poderia, r
cratismo. Esta ten
médicos se preocu
do que com um d
ideias não se impõe
ensinada. Há um v
ticante médico. Um

Vamos captá-l

Sou chamado c
da manhã. O quan
estão sujos. Toda
pressão estranha d
médico expulsa da
tivamente» sobre aq

Toca, apalpa,
gemidos; volta a a
contraí-se, defende
tratasse de um caso
escapado? O exam

2 Cf. La Sécurité

desumanizado pelo sistema espantoso como isto é bem eficiente pega na dor e dá uma no espaço, coloca-a debaixo dos corajante traduz, diz que lhe neça, diagnóstico e terapêutica isto é um teatro, é um teatro quando não tem consistência norte-africano, para a qual não o inconsistente, como irreal.”³ al de raciocínio. Se ele não não é porque eu não consigo to é irreal. O Norte-africano, Fanon percebe a permanên- nais positivista, que “perante por todo o corpo, perante este e a que chegamos mais rapida- do limite, o Norte Africano é um mandrião, um preguiçoso, um te Africano, não sendo capaz ico ritual, arma-se um teatro manização do outro.

apriorística. O Norte-africano sua raça, mas sim estabelecida -americano, espontaneamente ra num quadro pré-existente.”³ á bem, muda-se... E este qua- ópria medicina opera, muito pos que paradoxalmente são a transmite oralmente, de um “De alguns anos para cá mani- eria muito rapidamente deno- ia pretende que, face ao doente,

intenção, o problema é diferente: não é preciso aconselhar-lhes repouso, pois estão sempre na cama.

Perante esta dor sem lesão, esta doença espalhada por todo o corpo, perante este sofrimento contínuo, a atitude mais fácil e à qual chegamos mais ou menos rapidamente é a negação de toda a morbidez. No limite, o Norte-Africano é um simulador, um mentiroso, um vadio, um mandrião, um preguiçoso, um ladrão².

TESE II. — A atitude do pessoal médico é muitas vezes apriorística. O Norte-Africano não aparece com uma natureza comum à sua raça, mas sim estabelecida pelo Europeu. Por outras palavras, o Norte-Africano, espontaneamente, pelo simples facto do seu aparecimento, entra num quadro preexistente.

De há uns anos para cá, manifesta-se uma orientação médica que poderia, muito rapidamente, denominar-se neo-hipocratismo. Esta tendência pretende que, face ao doente, os médicos se preocupem menos com um diagnóstico orgânico do que com um diagnóstico funcional. Mas esta corrente de ideias não se impõe ainda nas cadeiras nas quais a patologia é ensinada. Há um vício de construção no pensamento do praticante médico. Um vício extremamente perigoso.

Vamos captá-lo nos factos.

Sou chamado de urgência para ver um doente. São 2 horas da manhã. O quarto está sujo, o doente está sujo. Os pais estão sujos. Toda a gente chora. Toda a gente grita. A impressão estranha de que a morte não está longe. O jovem médico expulsa da alma todo o desânimo. Inclina-se «objectivamente» sobre aquele ventre intumescido.

Toca, apalpa, percute, interroga, mas não obtém senão gemidos; volta a apalpar, percute mais uma vez, e o ventre contraí-se, defende-se... Não «vê nada». No entanto, se se tratasse de um caso cirúrgico? Se qualquer coisa lhe tivesse escapado? O exame é negativo, mas não ousa ir-se embora.

² Cf. *La Sécurité sociale? C'est nous qui payons!*

Depois de não poucas hesitações, manda o doente para um centro hospitalar com o diagnóstico de «ventre agudo». Três dias depois, vê-o chegar sorridente, completamente curado, ao seu consultório. E o que o doente ignora é que há um pensamento médico exigente, pensamento que ele ridicularizou.

O pensamento médico vai do sintoma à lesão. Nas assembleias ilustres, nos congressos internacionais de medicina, todos concordam com a importância dos sistemas neurovegetativos, do diencéfalo, das glândulas endócrinas, das relações psicossomáticas, das simpatalgias, mas continua-se a ensinar aos médicos que todo o sintoma reclama a sua lesão. Doente é todo aquele que queixando-se de cefaleias, de zumbidos nos ouvidos, de vertigens, apresenta ao mesmo tempo uma hipertensão arterial. Contudo, como por ocasião destes mesmos sintomas não se encontra nem hipertensão, nem tumor intracraniano, nem seja o que for de positivo, o médico então surpreenderá o pensamento médico em falta; e como todo o pensamento é pensamento de alguma coisa, verá o doente em falta — um doente insubmisso, indisciplinado, que ignora as regras do jogo. Essa regra, embora tão rigorosa, enuncia-se assim: todo o sintoma supõe uma lesão.

Que vou eu fazer deste doente? Do serviço para que o tinha mandado para uma provável intervenção, volta-me com um diagnóstico de «síndrome norte-africano». E é um facto que o jovem médico entra logo de início em contacto com Molière através dos norte-africanos do seu serviço. Um doente imaginário! Se Molière (vou dizer uma idiotice, mas todas estas linhas não fazem mais que explicitar, tornar flagrante, uma idiotice ainda maior), se Molière tivesse tido o privilégio de viver no século xx, não teria certamente escrito *Le Malade Imaginaire*, pois ninguém duvida de que Argan está doente. Doente, está-o activamente:

Como, devassa! Se estou doente! Se estou doente, descarada!
Síndrome norte-africano. Actualmente, todo o Norte-Africano que aparece numa consulta suporta o peso morto

os médicos se preocupem mais com o diagnóstico funcional. Mas e as cadeiras nas quais a patologia é o pensamento do praticante? Fanon continua a usar a palavra. O médico é ensinado um dia chega e quando vê o Norte Africano quer quilo a utilizar estes estereótipos de sintoma à lesão. Nas assembleias de medicina, todos concordam com os sistemas neurovegetativos [...] mas continua-se a ensinar aos médicos que todo o sintoma reclama a sua lesão. Doente é todo aquele que queixando-se de zumbidos nos ouvidos, de vertigens, de hipertensão arterial.⁴ Ou seja, o diagnóstico de síndrome norte-africana. Fanon está a por em prática a regra para fazer o diagnóstico somático. A coisa atávica de que só é doente se puder tocar não existe. Portanto, o pensamento é em falta — um doente insubmisso, indisciplinado, que ignora as regras do jogo. Essa regra, embora tão rigorosa, enuncia-se assim: todo o sintoma supõe uma lesão. Este doente não causa sem efeito, não há sintoma sem crise de representação tornada em teatro, é o Síndrome norte-africano que aparece numa consulta de compatriotas, de todos aqueles a respeito dos quais se diz: «é um doente imaginário». Isto não apenas estereotipa a situação já existente. O assunto é importante: “Todo o doente imaginário é um doente imaginário” (segunda velha tradição médica). [...] Fanon tende a utilizar a segunda palavra para os pôr à vontade

os médicos se preocupem menos com o diagnóstico orgânico do que com o diagnóstico funcional. Mas esta corrente de ideias não se impõe ainda nas cadeiras nas quais a patologia é ensinada. Há um vício de construção do pensamento do praticante médico, um vício extremamente perigoso.”⁴ Fanon continua a usar a própria disciplinaridade do diagnóstico. O médico é ensinado um diagnóstico na escola, mas depois, quando chega e quando vê o Norte Africano, liga a cassete. Está muito tranquilo a utilizar estes estereótipos todos. “O pensamento médico vai do sintoma à lesão. Nas assembleias ilustres e nos congressos internacionais de medicina, todos concordam com a importância dos sistemas neurovegetativos [...] mas continua-se a ensinar aos médicos que todo o sintoma reclama a sua lesão. Doente é todo aquele que queixando-se de cefaleias, de zumbidos nos ouvidos, de vertigens, apresenta ao mesmo tempo uma hipertensão arterial.”⁴ Ou seja, há uma instabilidade de representação. Fanon está a por em prática o que lhe ensinaram na escola, a fazer o diagnóstico somático, a entender a coisa. Ele encontra esta coisa atávica de que só é doença se posso pôr lá a mãozinha, se não puder tocar não existe. Portanto, o pensamento médico está em falta, e “como todo o pensamento é pensamento de alguma coisa, verá o doente em falta — um doente insubmisso, indisciplinado, que ignora as regras do jogo. Essa regra, embora tão rigorosa, enuncia-se assim: todo o sintoma supõe uma lesão. Este doente provoca uma crise de representação: não há causa sem efeito, não há sintoma sem lesão.”⁴ Quando ele produz uma crise de representação torna-se um doente imaginário. E isto torna-se um teatro, é o Síndrome Norte-africano. “Atualmente todo o Norte-africano que aparece numa consulta suporta o peso morto de todos os seus compatriotas, de todos aqueles que só tinham sintomas, de todos aqueles a respeito dos quais se dizia: «não tem nada em que se possa tocar»”.⁴ Isto não apenas estereotipa como também produz jurisprudência. Entra numa situação já existente. “O árabe é um pseudo-doente.”⁴ Este assunto é importante: “Todo o árabe é um doente imaginário. O jovem médico ou o jovem estudante que nunca viu um árabe doente sabe (cf. a velha tradição médica). [...] Frente a um árabe, o estudante ou o médico tende a utilizar a segunda pessoa do singular. Dir-nos-ão que é por gentileza... para os pôr à vontade... eles estão habituados... Peço desculpa,

4 · Ibid. p.11-13.

mas sinto-me incapaz de analisar este fenómeno sem abandonar a atitude objetiva a que me obriguei, (é neste momento que temos que perceber quantas pessoas é que estão na sala) é mais forte do que eu, dizia-me um interno. Não posso tratá-los da mesma maneira que trato os outros doentes. [...] O pessoal médico descobre a existência de um Síndrome Norte-Africano, não experimentalmente, mas segundo uma tradição oral.”⁵ Ou seja, isto de fato é um diagnóstico ritual. Fanon consegue mostrar o lado insultuoso. “O Norte-africano instala-se nesse síndrome assintomático, e situa-se automaticamente num plano de indisciplina (cf. disciplina médica), de inconsequência (relativamente à lei: todo o sintoma pressupõe uma lesão), de insinceridade (diz sofrer quando sabemos não existirem razões para sofrer). [...] Decididamente, estes tipos não são sérios”.⁵ E decididamente estes tipos não são sério. Sem as aspas percebe-se de novo quantas pessoas estão na sala. São os médicos a dizer que o Síndrome Norte-africano não é sério? Ou é Fanon a dizer que os médicos não são particularmente sérios? Decididamente, este texto é a sério.

TESE 3

“As melhores vontades, as mais puras intenções, precisam de ser esclarecidas — da necessidade de fazer um diagnóstico da situação.”⁵ Frantz Fanon recita um texto de boas práticas. Não basta descobrir, e ele cita diretamente o manual “*não basta descobrir qual é o órgão atingido, de que natureza são as lesões orgânicas, se existem, e que micróbio invadiu o organismo; não basta conhecer a situação somática do doente, mas é preciso tentar conhecer aquilo a que Meng chama ‘a sua situação,’ isto é, as relações com o meio ambiente, as suas ocupações e as suas preocupações, a sua sexualidade, a sua tensão interior, o seu sentimento de segurança ou de insegurança, os perigos que o ameaçam; e acrescentamos ainda a sua evolução, a história da sua vida. É preciso fazer um diagnóstico de situação*”⁵ Relação com o meio? Se ele está desenraizado, se está na terra do outro, esta parte é complicada. Qual é o sinal que ele usa para perceber esta não-participação? “*Nós não os vemos, avistamos-los, entrevêmo-los,*”⁵ a imagem deles é fugaz. Portanto, eles não participam inteiramente no sistema de representação. “*Em França diz-se:*

5 · *Ibid.* p.13-14.

preocupa-se em arranjar trabalho, não se preocupa em arranjar trabalho.”⁶ A diferença é que o francês não se preocupa. O francês vai buscar uma tese de doutoramento, não se preocupa com os perigosos e que vão às vezes a trabalhar em condições perigosas e que comporta de uma certa importância de importar umas cachopas árabes, perigoso porque se a gente não se preocupa com a segurança são. Isto é o pensamento da cidadania francesa que comporta demasiado precoce. Toda a vida num discurso médico legítimo. O Norte-Africano está ameaçado na França. E é nesse sentido que a suíça, a francesa, “*uma morte no elétrico, uma morte no elétrico, as prostitutas, uma morte no elétrico, múltipla nos jornais, uma morte no elétrico, sair depois da meia-noite, um*” Eles são vagos, é preciso arrumar o doente no hospital. Se lhes desse uma tese de doutoramento, a sua convalescença depois são ladrões e depois, e todos os árabes são ladrões, há nada a fazer, nada se pode fazer, como são, mas enfim, admitir a culpa é nossa, e justamente. Mas o drama fica na sua terra, aprenderam na escola, na França. Introduzimos a França em verso vulgar, qualquer coisa tem em todos os tons que eles tentam só têm que voltar para casa, as vicissitudes por que passam, feliz na sua terra — ou seja, sempre ir para casa, assim

6 · *Ibid.* p.15 e p.18.

ómeno sem abandonar a atitude que temos que perceber forte do que eu, dizia-me uma maneira que trato os outros doença de um Síndrome Norte-undo uma tradição oral.”⁵ Ou Fanon consegue mostrar o t-se nesse síndrome assintomático de indisciplina (cf. disciplina e à lei: todo o sintoma pressu-er quando sabemos não existe, estes tipos não são sérios”.⁵ São os médicos a dizer que? Ou é Fanon a dizer que os? Decididamente, este texto

intenções, precisam de ser m diagnóstico da situação.”⁵ áticas. Não basta descobrir, e a descobrir qual é o órgão atin- cas, se existem, e que micróbio a situação somática do doente, Meng chama ‘a sua situação,’ s suas ocupações e as suas pre- o interior, o seu sentimento de e ameaçam; e acrescentamos la. É preciso fazer um diagnós- Se ele está desenraizado, se aplicada. Qual é o sinal que ele? “Nós não os vemos, avistamo- gaz. Portanto, eles não parti- sentação. “Em França diz-se:

preocupa-se em arranjar trabalho; na África do Norte: ocupa-se em arran- jar trabalho.”⁶ A diferença entre o que me preocupa e o que eu faço; ele ocupa-se, não se preocupa. Depois, a sexualidade. Para a sexualidade vai buscar uma tese de doutoramento que sugere que eles são muito perigosos e que vão às prostitutas, portanto, e apesar dos riscos que comporta de uma certa invasão da família árabe, se calhar convinha importar umas cachopas árabes, diz o senhor da tese. Mas é muito perigoso porque se a gente importa a família pode ter aqui uma inva- são. Isto é o pensamento médico de 1950, para quem a outorga da cidadania francesa que confere igualdade de direitos parece ter sido demasiado precoce. Toda a argumentação da supremacia branca num discurso médico legitimado. E aqui Fanon é muito claro, o Norte Africano está ameaçado na sua atividade social, na sua cidadania. E é nesse sentido que a sua vida é uma morte, é uma morte quoti- diana, “uma morte no elétrico, uma morte na consulta, uma morte com as prostitutas, uma morte no estaleiro, uma morte no cinema, uma morte múltipla nos jornais, uma morte no medo que as pessoas de bem têm de sair depois da meia-noite, uma morte, sim uma MORTE.”⁶ Parafraseando: Eles são vagos, é preciso andar em cima deles e é preciso pô-los fora do hospital. Se lhes dessemos ouvidos prolongaríamos indefinida- mente a sua convalescença. Não sabem explicar-se, são mentirosos e depois são ladrões e depois, e depois, e depois...um árabe é um ladrão e todos os árabes são ladrões. É uma raça fingida, suja, nojenta, não há nada a fazer, nada se consegue deles, e é duro para eles serem como são, mas enfim, admitam que a culpa não é nossa. Justamente, a culpa é nossa, e justamente a culpa é tua. Que fiquem na sua terra. Mas o drama fica na sua terra. Disseram-lhes que eram franceses, aprenderam na escola, na rua, nos quartéis, nos campos de batalha. Introduzimos a França em todo o lado, no corpo e na alma, num verso vulgar, qualquer coisa de aparentemente grande. Agora repe- tem em todos os tons que estão na nossa terra, que se não estão con- tentes só têm que voltar para o seu kasbah. Porque, sejam quais forem as vicissitudes por que passe em França, o Norte-africano será mais feliz na sua terra — ou seja, isto é outra versão da humilhação, podem sempre ir para casa, assim não estavam desenraizados, e lá é que eles

6 · *Ibid.* p.15 e p.18.

dição oral. O Norte-Africano instala-se nesse síndrome assintomático e situa-se automaticamente num plano de indisciplina (cf. disciplina médica), de inconsequência (relativamente à lei: todo o sintoma supõe uma lesão), de insinceridade (diz sofrer quando sabemos não existirem razões para sofrer). Há aqui uma ideia móvel, no limite da minha má-fé, e quando o Árabe se revelar através da sua linguagem:

«Senhor doutor, vou morrer.»

Esta ideia, depois de ter percorrido algumas sinuosidades, impor-se-á, ser-me-á imposta.

Decididamente, estes tipos não são sérios.

TESE III. — As melhores vontades, as mais puras intenções, precisam de ser esclarecidas. — Da necessidade de fazer um diagnóstico de situação.

O Doutor Stern, num artigo sobre a medicina psico-somática, retomando os trabalhos de Heinrich Meng, escreve: «Não basta descobrir qual o órgão atingido, de que natureza são as lesões orgânicas, se existem, e que micróbio invadiu o organismo; não basta conhecer a 'constituição somática' do doente, mas é preciso tentar conhecer aquilo a que Meng chama a sua 'situação', isto é, as suas relações com o meio ambiente, as suas ocupações e as suas preocupações, a sua sexualidade, a sua tensão interior, o seu sentimento de segurança ou de insegurança, os perigos que o ameaçam; e acrescentemos ainda a sua evolução, a história da sua vida. É preciso fazer um 'diagnóstico de situação'»³.

O Doutor Stern propõe-nos um plano magnífico, vamos segui-lo.

1.º Relações com o meio. — Será mesmo preciso falar delas? Não será um tanto cómico falar, em França, das relações do Norte-Africano com o seu meio? Ele terá relações? Terá um meio? Não estará só? Não estarão sós? Não nos parecem

³ Dr. E. Stern, «Médecine psycho-somatique», *Psyché*, Janeiro-Fevereiro de 1949, p. 128.

estavam bem, eram mais fe
que era francês, que a terra

Como é que Fanon acab

“Se tu não exiges do ho
está em ti para que o hom
corpo, mais do que um Moh
cisas para que eu tenha a
amor?”⁷ Portanto, a mane
tico ritual necessita de uma

Este é o diagnóstico de
tanto alguém que desapare
duz opacidade, e quando p
diagnóstico são revelados..

Regressemos então ao diag
ros curam os símbolos, um
bolos vai ao curandeiro e el
bólica com o contexto. E se
este é evidentemente dedica
descrito para comprovar a s

Um notável historiador
demonstrar a sua sanidade
casamento do irmão, em 18
e tem a oportunidade de c
etnólogos e historiadores de
Pueblo para perceber os se
quebra, depois do advento
1918. Em 1923 lê esta confe
demonstração da sua sanic
não seja publicado. Warbur
embora numa versão abrev
revista do Instituto Warbu
inglês. Alguns anos depois
com as notas e o livro que
original, que tem outro títu

7 · *Ibid.* p.20.

estavam bem, eram mais felizes na sua terra... mas devem-lhe ter dito que era francês, que a terra dele era França...

Como é que Fanon acaba?

“Se tu não exigis do homem, se tu não sacrificas o homem que está em ti para que o homem que está nesta terra seja mais que um corpo, mais do que um Mohammed, que artes mágicas não serão precisas para que eu tenha a certeza que também tu és digno do meu amor?”⁷ Portanto, a maneira de rehumanizar através deste diagnóstico ritual necessita de uma arte mágica muito complexa.

Este é o diagnóstico de alguém que se tornou transparente, portanto alguém que desaparece porque o olhar o travessa. Fanon produz opacidade, e quando produz esta opacidade todos os vícios do diagnóstico são revelados...

Regressemos então ao diagnóstico ritual, ao modo como os curandeiros curam os símbolos, uma cura simbólica. Se está doente dos símbolos vai ao curandeiro e ele restabelece a capacidade de relação simbólica com o contexto. E se o outro texto era dedicado ao diagnóstico, este é evidentemente dedicado ao ritual; é o tal ritual paradoxalmente descrito para comprovar a sanidade. É uma memória de um ritual.

Um notável historiador num hospital psiquiátrico escreve para demonstrar a sua sanidade. Aby Warburg vai a Nova Iorque, para o casamento do irmão, em 1895. Aparentemente farta-se de Nova Iorque e tem a oportunidade de contactar com uma série de antropólogos, etnólogos e historiadores de arte, e vai fazer uma viagem pelos Índios Pueblo para perceber os seus rituais. Passado muitos anos, tem uma quebra, depois do advento da 1ª Guerra Mundial, e é internado em 1918. Em 1923 lê esta conferência no sanatório como uma espécie de demonstração da sua sanidade e recomenda a Fritz Saxl que o texto não seja publicado. Warburg morre em 1929 e este texto é publicado, embora numa versão abreviada, com o nome *O ritual da Serpente* na revista do Instituto Warburg em 1938, numa versão abreviada em inglês. Alguns anos depois publica-se uma edição alemã do original com as notas e o livro que tenho aqui é uma tradução inglesa desse original, que tem outro título: *Imagens da Região dos Índios Pueblo da*

7 · Ibid. p.20.

traz a sua assombração, traz o seu negativo. Isto na arquitectura era uma ideia que dava imenso jeito, o espaço não tinha que ser...o que é que isto servia para desmontar? Servia para desmontar imensos mitos funcionalistas. Se o acolhedor é o dado essencial da assombração, a gente já não tem que governar a casa para ser acolhedora. Se eu fizer isto aqui muito acolhedor, você apanha aqui uma assombração desgraçada. Há uma expansão, há uma libertação de campo, isto do ponto de vista da arquitectura. O outro ponto de vista que também nos interessa aqui é que o Inquietante é o nome para tudo aquilo que devia ter permanecido secreto e escondido, mas veio à luz.

Esta outra parte é essencial, também na reflexão de Anthony Vidler, é o espaço escuro, o espaço tenebroso. Era o que devia ter ficado escondido. Estes são os dois dados da repressão ou da obsolescência que Freud vai usar para construir esta assombração. O inquietante é aquilo que ficou reprimido. Devia ter estado reprimido mas regressa no sentido desfamiliarizado e assustador. O duplo que, numa maneira de pensar, numa maneira de racionalizar, é o regresso do modo de pensar menos sistemático e menos racionalizado, que quando intercepta o real cruza uma série de narrativas e se torna inquietante. Estas são as duas pistas, o regresso do reprimido e o regresso de uma forma de conhecimento e de pensamento, este é o dado essencial. Ele usa o exemplo do *Sandman*, deste conto assustador para criancinhas. O *Sandman* vem e rouba os olhos às crianças. O homem de areia, que atira areia para os olhos das crianças e as leva. Esta coisa da areia, enquanto dissolução da visão, é uma coisa que depois interessa imenso no *Ritual da Serpente*, como componente quase gráfica. E há uma passagem extraordinária que depois gostava de partilhar com vocês...

Outro dos dados importantes aqui é o animismo, a história do autómato, da boneca, achar que a natureza ou os objetos estão impregnados de um espírito. E este animismo também é importante, para depois ler *O Ritual da Serpente*.

Resumindo, fui só sublinhando o fato de que o inquietante vem do fato do duplo, e é uma criação ancestral de um estádio mental anterior ultrapassado. E é por isso, por ele ter sido útil, mas ter sido ultrapassado, que quando regressa, regressa de um modo assustador. Esta ideia não é despicienda para perceber porquê que Aby Warburg

América do Norte. Este texto imediato de Warburg a pertinência do texto engendrou-se na recuperação da antiguidade, na persistência dos mitos de Aby Warburg. O gesto de nos fazer pensar coisas extraordinárias nos nossos humildes instrumentos de trabalho, as imagens, a transversalidade das operações simbólicas informacionais é outra parte da assombração do paganismo, o sistema simbólico que estou a dizer que é um texto que sabe que é um texto absolutamente claro nos seus propósitos: *memórias de tal maneira que a vida psíquica dos índios.*⁸ Importa quando entramos de fora para além da história é a memória que é subjectiva, e a história é objectiva, não através do sistema de representação, mas através do sistema de comunicação. É a proposta essencial que eu vou recordar para a vida psíquica. *“O que tenho em mente cuja cultura está a morrer e tem um problema mais geral da escrita: como entender os traços característicos da idade pagã?”*⁸ As imagens produzidas são memórias. (não se esqueça) quantas ideias é dado pelo primitivo que é primitivo que é o que ele diz tem 2000 anos e já ter sido alterado. Usa a transferência linguística:

8 · Aby Warburg, Images from the

ivo. Isto na arquitectura era
ço não tinha que ser...o que
ia para desmontar imensos
dado essencial da assombra-
sa para ser acolhedora. Se eu
anha aqui uma assombração
libertação de campo, isto do
ponto de vista que também
o nome para tudo aquilo que
do, mas veio à luz.

ém na reflexão de Anthony
nebroso. Era o que devia ter
os da repressão ou da obso-
struir esta assombração. O
o. Devia ter estado reprimido
lo e assustador. O duplo que,
a de racionalizar, é o regresso
e menos racionalizado, que
érie de narrativas e se torna
o regresso do reprimido e o
o e de pensamento, este é o
ndman, deste conto assusta-
e rouba os olhos às crianças.
a os olhos das crianças e as
olução da visão, é uma coisa
a Serpente, como componente
ordinária que depois gostava

é o animismo, a história do
natureza ou os objetos estão
nismo também é importante,

o fato de que o inquietante
cestral de um estádio mental
ele ter sido útil, mas ter sido
essa de um modo assustador.
ber porquê que Aby Warburg

América do Norte. Este texto tem em si uma função médica, e no con-
texto imediato de Warburg era claro que não devia ser publicado. Mas
a pertinência do texto engendrou a sua publicação. Este texto inclui-
se na recuperação da antiguidade pagã e na persistência das ima-
gens, na persistência dos símbolos, que é a grande contribuição de
Aby Warburg. O gesto de pensar a persistência das imagens, permite-
nos pensar coisas extraordinariamente diferentes, permite usar os
nossos humildes instrumentos para pensar a transversalidade das
imagens, a transversalidade dos objetos, a transversalidade das pro-
jeções simbólicas informais. Com o diagnóstico do estereótipo, que
é outra parte da assombração, aquilo que foi reprimido, regressa o
paganismo, o sistema simbólico do pensamento. Evidentemente, eu
estou a dizer que é um texto de um senhor no sanatório, mas a gente
sabe que é um texto absolutamente canónico. Ele é extraordinaria-
mente claro nos seus propósitos: “*reviver e trabalhar as minhas velhas
memórias de tal maneira que vos possa oferecer uma sólida introdução à
vida psíquica dos índios.*”⁸ Isto parece-me fundamental. O cartaz na
porta quando entrámos dizia *Para Além da História*. O que há para
além da história é a memória, que é pessoal, que é colectiva, mas que
é subjectiva, e a história é outra coisa. A demonstração de sanidade é
feita, não através do sistema externo de racionalidade chamado histó-
ria, mas através do sistema interno de racionalidade chamado memó-
ria. É a proposta essencial de Warburg. Isto são as minhas memórias
que eu vou rememorar para partilhar com vocês uma introdução à
vida psíquica. “*O que tenho a dizer oferece uma impressão de um mundo
cuja cultura está a morrer e também de uma questão decisiva problema do
problema mais geral da escrita da história da cultura: De que modo pode-
mos entender os traços característicos essenciais da primitiva humani-
dade pagã?*”⁸ As imagens persistentes que passam através da História
são memórias. (não se esqueçam que o ritmo deste passeio por umas
quantas ideias é dado pelo *Inquietante* de Freud) Warburg não pensa
no primitivo que é primitivo, pensa no primitivo que é transformado,
que é o que ele diz tem 2 ou 3 capas em cima, cujo dado essencial
é já ter sido alterado. Usa uma expressão que é um indício de uma
transferência linguística: *Índios Pueblo*. Eles são *Pueblo*, povoação

8 · Aby Warburg, *Images from the Region of the Pueblo Indians...* p.1-2.

greatest difficulty penetrating even one of them. In addition, a journey limited to several weeks could not impart truly profound impressions. If these impressions are now more blurred than they were, I can only assure you that, in sharing my distant memories, aided by the immediacy of the photographs, what I have to say will offer an impression both of a world whose culture is dying out and of a problem of decisive importance in the general writing of cultural history: In what ways can we perceive essential character traits of primitive pagan humanity?

The Pueblo Indians derive their name from their sedentary lives in villages (Spanish: pueblos) as opposed to the nomadic lives of the tribes who until several decades ago warred and hunted in the same areas of New Mexico and Arizona where the Pueblos now live.

What interested me as a cultural historian was that in the midst of a country that had made technological culture into an admirable precision weapon in the hands of intellectual man, an enclave of primitive pagan humanity was able to maintain itself and—an entirely sober struggle for existence notwithstanding—to engage in hunting and agriculture with an unshakable adherence to magical practices that we are accustomed to condemning as a mere symptom of a completely backward humanity. Here, however, what we would call superstition goes hand in hand with livelihood. It consists of a religious devotion to natural phenomena, to animals and plants, to which the Indians attribute active souls, which they believe they can influence primarily through their masked dances. To us, this synchrony of fantastic magic and sober purposiveness appears as a symptom of a cleavage; for the Indian this is not schizoid but, rather, a liberating experience of the boundless communicability between man and environment.

At the same time, one aspect of the Pueblo Indians' religious psychology requires that our analysis proceed with the greatest caution. The material is contaminated:

ABY M. WARBURG

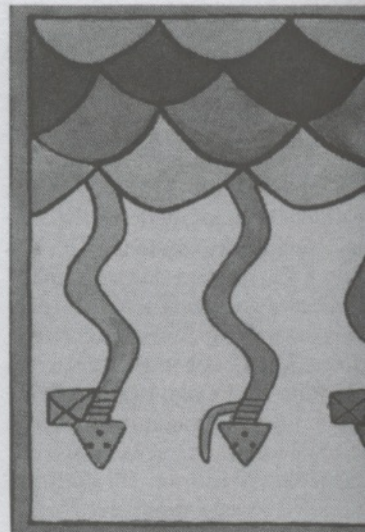


Fig. 1. Serpent as lightning.
Reproduction of an altar floor, kiva ornament

it has been layered over twice. From the fifteenth century, the Native American culture was overlaid by a stratum of Spanish culture, which suffered a violent setback in the seventeenth century, to return to its original state, especially to reinstate itself in the nineteenth century. This became the third stratum: North American

Yet closer study of Pueblo paganism and practice reveals an objective reality and that is the scarcity of water. The ways remained unable to reach the land, and desire for water led to the same result: ward the binding of hostile natural forces, primitive, pretechnological culture. Drought teaches magic and prayer.

IMAGES FROM THE REGION OF THE

penetrating even one of them. In addition to several weeks could not impart impressions. If these impressions are now they were, I can only assure you that, memories, aided by the immediacy what I have to say will offer an immortal world whose culture is dying out and whose importance in the general writ-
ery: In what ways can we perceive ess-
ents of primitive pagan humanity?
ans derive their name from their sed-
ges (Spanish: pueblos) as opposed to
of the tribes who until several decades
ted in the same areas of New Mexico
the Pueblos now live.

me as a cultural historian was that in
try that had made technological cul-
ble precision weapon in the hands of
enclave of primitive pagan humanity
tain itself and—an entirely sober
nce notwithstanding—to engage in
are with an unshakable adherence to
at we are accustomed to condemning
of a completely backward humanity.
at we would call superstition goes
livelihood. It consists of a religious
phenomena, to animals and plants, to
attribute active souls, which they be-
ence primarily through their masked
synchrony of fantastic magic and so-
appears as a symptom of a cleavage;
s not schizoid but, rather, a liberating
boundless communicability between
ent.

ne, one aspect of the Pueblo Indians'
y requires that our analysis proceed
caution. The material is contaminated:

ABY M. WARBURG

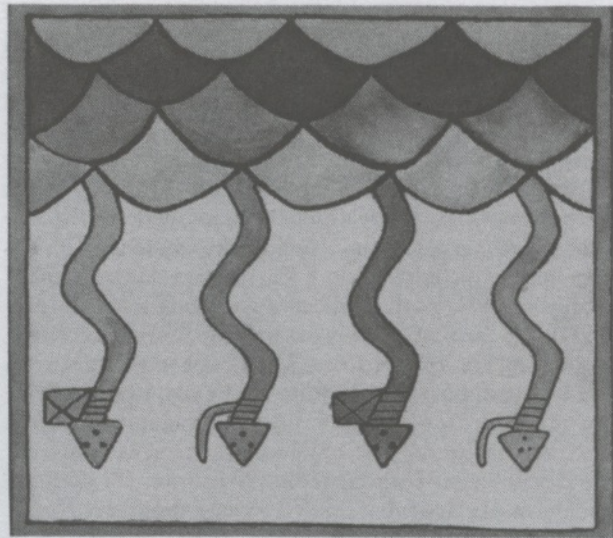


Fig. 1. Serpent as lightning.
Reproduction of an altar floor, kiva ornamentation.

it has been layered over twice. From the end of the sixteenth century, the Native American foundation was overlaid by a stratum of Spanish Catholic Church education, which suffered a violent setback at the end of the seventeenth century, to return thereafter but never officially to reinstate itself in the Moki villages. And then came the third stratum: North American education.

Yet closer study of Pueblo pagan religious formation and practice reveals an objective geographic constant, and that is the scarcity of water. For so long as the railways remained unable to reach the settlements, drought and desire for water led to the same magical practices toward the binding of hostile natural forces as they did in primitive, pretechnological cultures all over the world. Drought teaches magic and prayer.

IMAGES FROM THE REGION OF THE PUEBLO INDIANS

não é povo, é povoação. Isto para os arquitectos é importante. Por exemplo, e sem me desviar muito, é importante notar que o autor do famoso plano de expansão de Barcelona: Ildefonso Cerdá, se sentiu na necessidade de justificar o neologismo que tinha inventado para a sua teoria geral da urbanização. É teoria geral da urbanização, da urbe, porque cidade e povoação não lhe serviam. Urb, por oposição a rur, é a cooperação de casas. A civitas é um corpo político. A povoação é uma agregação física. A urbe é uma cooperação de casas, é quando o domicílio está estruturado sobre o ponto de vista da cooperação social. Não tem escala, não tem materiais mais ou menos dignos, é um problema relacional. Isto é importante para debater os *Índios Povoação*, que seria a tradução em português. O que é que me interessa nos *Índios Povoação*? Os *Índios Povoação*, contrariamente aos índios originais, são sedentários, agregam-se em cooperação de casas. O nome que lhe atribuem: Pueblo, é castelhano. Este castelhano já migrou para a descrição, e o que era uma referência passou a ser um genitivo. É a descrição destes índios. Os índios sedentários são os índios povoação, que é isso que lhes interessa, aparentemente. Um enclave de humanidade pagã que permaneceu, entre os quais persiste uma prática existencial híbrida. Como são sedentários, caçam e cultivam; ainda têm as práticas nómadas mas já têm as práticas sedentárias. Portanto, as práticas mágicas funcionam para as duas coisas, para a caça e para a agricultura. São propiciatórias nos dois sentidos. “Consistem numa devoção religiosa aos fenómenos naturais, a plantas e os animais; às quais os índios atribuem almas activas, que eles pensam podem influenciar, sobretudo através das danças mascaradas.” Este ritual animista das danças mascaradas não é apenas um ritual de guerra ou um ritual propiciatório. É um ritual cheio de layers, como os *Índios Povoação*. “Esta sincronia da magia fantástica e do propósito sóbrio, parece-mos um sintoma de separação; mas para os índios esta sincronia não é esquizofrénica, mas pelo contrário uma experiência libertador da comunicabilidade sem vínculo entre o homem e o ambiente.” É uma relação mágica e fantástica, e também uma relação extraordinariamente alimentar, para que o milho cresça. Warburg lê isto no manicómio. Esta experiência espantosa dos *Índios Pueblo*, sedentários e nómadas, com rituais propiciatórios e com o pragmatismo de fazer chover para que o milho cresça, não é um fractura

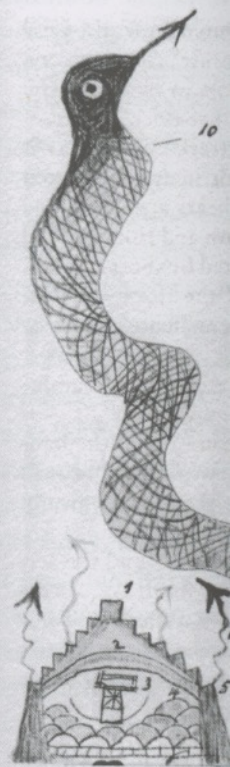


Fig. 4. Drawing by Cleo Jurino with annotations.

represent the points are placed in front prayer room known devotional practice, lightning (Figure 1).

In my hotel in S Cleo Jurino, and his images that, after some

IMAGES FROM THE R

arquitectos é importante. Por importante notar que o autor do a: Ildefonso Cerdá, se sentiu no que tinha inventado para a ria geral da urbanização, da serviam. Urb, por oposição é um corpo político. A povo- uma cooperação de casas, é ore o ponto de vista da coo- n materiais mais ou menos importante para debater os portugueses. O que é que me s *Povoação*, contrariamente regam-se em cooperação de o, é castelhano. Este caste- e era uma referência passou índios. Os índios sedentá- ue lhes interessa, aparente- á que permaneceu, entre os rida. Como são sedentários, nómadas mas já têm as prá- mágicas funcionam para as tura. São propiciatórias nos *religiosa aos fenómenos natu- líos atribuem almas activas, ado através das danças mas- s mascaradas não é apenas tório. É um ritual cheio de cronía da magia fantástica e a de separação; mas para os nas pelo contrário uma expe- n vínculo entre o homem e o ica, e também uma relação o milho cresça. Warburg lê pantosa dos *Índios Pueblo*, ciatórios e com o pragma- cresça, não é um fractura*

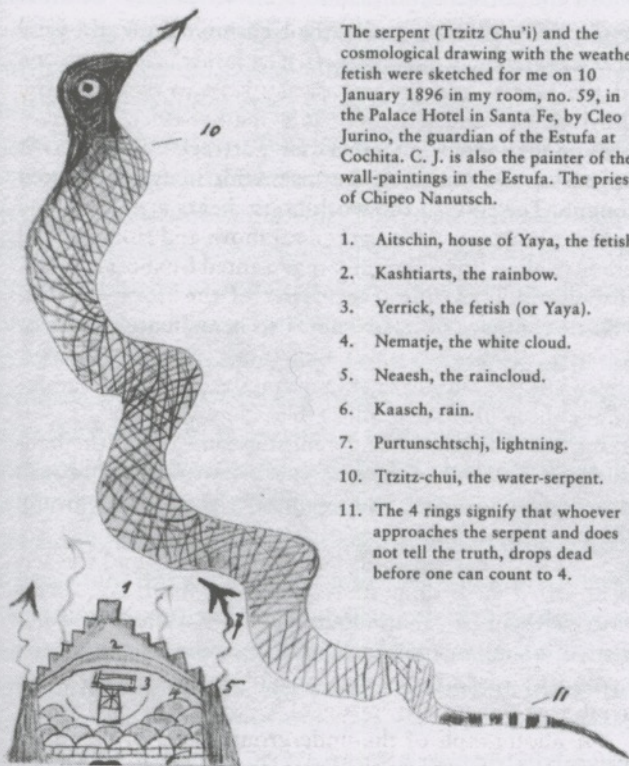


Fig. 4. Drawing by Cleo Jurino of serpent and "worldhouse," with Warburg's annotations.

represent the points of the compass and that these vessels are placed in front of the fetishes in the subterranean prayer room known as the *kiva*. In the *kiva*, at the core of devotional practice, the serpent appears as the symbol of lightning (Figure 1).

In my hotel in Santa Fe, I received from an Indian, Cleo Jurino, and his son, Anacleto Jurino, original drawings that, after some resistance, they made before my eyes

IMAGES FROM THE REGION OF THE PUEBLO INDIANS

The serpent (Tzitz Chu'i) and the cosmological drawing with the weather-fetish were sketched for me on 10 January 1896 in my room, no. 59, in the Palace Hotel in Santa Fe, by Cleo Jurino, the guardian of the Estufa at Cochita. C. J. is also the painter of the wall-paintings in the Estufa. The priest of Chipeo Nanutsch.

1. Aitschin, house of Yaya, the fetish.
2. Kashtiarts, the rainbow.
3. Yerrick, the fetish (or Yaya).
4. Nematje, the white cloud.
5. Neaesh, the raincloud.
6. Kaasch, rain.
7. Purtuntschtschj, lightning.
10. Tzitz-chui, the water-serpent.
11. The 4 rings signify that whoever approaches the serpent and does not tell the truth, drops dead before one can count to 4.

esquizofrênica, não é uma divisão da consciência, é uma experiência libertadora da comunicabilidade sem vínculos, “boundless communicability”. Toda esta experiência está em dois lugares ao mesmo tempo. E também está contaminada, “it has been layered over twice”, já foi dobrado, já foi sobreposto pelo menos duas vezes. Estes *Índios Pueblo* foram colonizados. Foram colonizados pelos Espanhóis e foram colonizados pela educação norte americana. É aqui que é possível ver a persistência, não no “original”. Não é uma questão acerca do original, do primário, do incorrupto, é a transversalidade, é a persistência que lhe interessa. E a persistência só pode ser observada através da acumulação, através da hibridação, *layered over twice*.

O que era uma constante destas povoações era a escassez de água. Enquanto os comboios não chegaram às povoações, a seca e o desejo de água conduziram a práticas mágicas, com o propósito de juntar forças naturais hostis, como noutras culturas pré-tecnológicas primitivas. “*A seca ensina a magia e a oração.*” Primeiro foram colonizados com a oração e depois com a distância ao comboio. E é a distância ao comboio, a distância à tecnologia, que faz com que eles precisem de juntar a oração e a magia, aquilo que justifica o sincretismo religioso destes índios sedentários. Não é um passado histórico, imaculado, é num presente contaminado que Aby Warburg conduz a sua análise simbólica do ornamento, do animismo, das danças mascaradas. Analisa três rituais: a dança animal, a adoração da árvore e finalmente a dança com serpentes vivas, centrando-se numa pergunta: “*Em que medida esta visão do mundo pagã que persiste entre os índios pode ser uma medida do desenvolvimento desde o paganismo primitivo, passando pelo paganismo da antiguidade clássica, até ao homem moderno.*”⁹ Ou seja, qual é o papel desta amostra para seguir este percurso, seguir a persistência destas realidades simbólicas, persistências como aquela que nos permite saber onde é a farmácia, a persistência simbólica do bastão de Asclépio com a serpente enrolada.

A paisagem da Mesa, da região em que vivem estes índios, é na sua mais literal assonância uma mesa de trabalho, um “tableau”, é uma paisagem de trabalho. Não é bem uma natureza morta, é uma natureza ritual, em que a geografia e a toponímia ajudam a compor

9 · *Ibid.* p.4.

um atlas, que para Warburg persistência simbólica em casas de dois andares, uma escada parecida a uma tégia arquitectónica defendida. Warburg confronta-se com uma imagem extraordinária, em que a maneira de elas estabelecerem uma dobra: são *domus* simbólicas, não há soleira nem um cruzamento entre a casa e o exterior, acumulando persistências.

Mas regressemos ao percurso, dizendo, a falta dela, a secagem do sincretismo entre a magia e a tecnologia, a sua urgência, em toda a paisagem de barro que eles aprenderam a lidar com a contaminação tecnológica. É uma urgência, desta escassez, desta imagem heráldica esquemática, destas imagens heráldicas porquê, porquê vistas. É uma escrita pictórica, uma escrita. A questão aqui não é a função instrumento desta mediação, é a pena. Enquanto instrumento de mediação, dos media, o barro também é um mediador. A paisagem transportam os desejos e a urgência, têm uma função essencial, são os desenhos que lhe fazem a função simbólica para a serpente: são para as crianças um jogo aprendível, são desenhos para perceber a realidade, mas simbólicos. Aqui aparece o bolo propiciatório da trovão, a terra e a necessidade dos agricultores, como a terra. Como se podesse

onsciência, é uma experiên-
 m vínculos, “boundless com-
 á em dois lugares ao mesmo
 has been layered over twice”,
 nos duas vezes. Estes Índios
 nizados pelos Espanhóis e
 americana. É aqui que é pos-
 “. Não é uma questão acerca
 do, é a transversalidade, é a
 tência só pode ser observada
 dação, *layered over twice*.

ações era a escassez de água.
 povoações, a seca e o desejo
 s, com o propósito de juntar
 turas pré-tecnológicas primi-
 Primeiro foram colonizados
 ao comboio. E é a distância
 e faz com que eles precisem
 e justifica o sincretismo reli-
 m passado histórico, imacu-
 Aby Warburg conduz a sua
 imismo, das danças mascas-
 nal, a adoração da árvore e
 as, centrando-se numa per-
 ado *pagã que persiste entre os*
mento desde o paganismo pri-
idade clássica, até ao homem
 mostra para seguir este per-
 dades simbólicas, persistên-
 onde é a farmácia, a persis-
 om a serpente enrolada.

que vivem estes índios, é na
 le trabalho, um “tableau”, é
 uma natureza morta, é uma
 oponímia ajudam a compor

um atlas, que para Warburg era famosamente um atlas da memó-
 ria persistência simbólica. A aldeia que poisa nesta mesa consiste
 em casas de dois andares, com entrada pelo piso de cima, através de
 uma escada parecida a uma que vimos na exposição. É uma estra-
 tégia arquitectónica defensiva, de descontinuidade com o contexto.
 Warburg confronta-se com uma povoação sem portas, que é uma ima-
 gem extraordinária, em que as casas não têm porta, portanto, não há
 maneira de elas estabelecerem relações sociais. Estas casas também
 têm uma dobra: são *domus* e são castelos. Mas não há entrada simbó-
 lica, não há soleira nem umbral. Os Índios Pueblo desenvolveram um
 cruzamento entre a casa e a fortificação. Até a arquitectura é híbrida,
 acumulando persistências.

Mas regressemos ao problema essencial aqui, a água, melhor
 dizendo, a falta dela, a seca. A seca é que produz a simbiose, o sin-
 cretismo entre a magia e a oração. A água é assim carregada em toda
 a sua urgência, em toda a sua escassez. É carregada em potes de
 barro que eles aprenderam a fazer com o colonizador, em mais uma
 contaminação tecnológica. Os contentores deste transporte, desta
 urgência, desta escassez, são desenhados, têm desenhos, têm uma
 imagem heráldica esquemática. Warburg chama a estes desenhos
 imagens heráldicas porque são para ser lidas, não são só para ser
 vistas. É uma escrita pictográfica simbólica, uma memória antes da
 escrita. A questão aqui não é de escrita, é de mediação, no entanto o
 instrumento desta mediação é também um instrumento de escrita: a
 pena. Enquanto instrumento da escrita é literalmente o instrumento
 da mediação, dos media, da comunicação. A *pena* aqui sem escrita,
 também é um mediador. As *penas* atuam como entidades aladas que
 transportam os desejos e as preces. As serpentes são aladas. As *penas*
 têm uma função essencial de mediação, de transporte. Analisando
 os desenhos que lhe fazem as crianças, Warburg descobre outro valor
 simbólico para a serpente: o raio da trovoada. Warburg repete com as
 crianças um jogo aprendido com um amigo etnólogo, pedindo-lhes
 desenhos para perceber a consistência, a permanência destes siste-
 mas simbólicos. Aqui aparece finalmente a serpente enquanto sím-
 bolo propiciatório da trovoada, a escassez de água regressa, a chuva
 e a necessidade dos agricultores e caçadores conjurarem tanto o céu
 como a terra. Como se pode ver na imagem, a serpente na sua forma

de zig-zag está magicamente ligada ao trovão. E a oração de mediação, o teto em forma de casa, da casa mundial e a serpente em zig-zag, constituem outros elementos alegóricos da imagem. E a forma da serpente é também a forma da escada, e a forma da escada é também a forma da elevação, aquilo que ele chama de cosmogonia...um símbolo do cosmos, da elevação, do andar em pé.

Foi um padre seu amigo quem apresentou a Warburg esta paisagem de múltiplos extratos. De um modo muito consistente, as imagens que Warburg mostra são da igreja em que o seu amigo padre que celebrava os seus rituais através da mediação de intérpretes. O padre não falava a língua daqueles que evangelizava. Warburg vai à missa com uma curiosidade científica e vê que nas paredes havia os mesmos símbolos que nos desenhos das crianças. Os desenhos são de fato uma ritualização simbólica da escada. *“o ornamento em zig-zag simboliza uma escada [...] Uma forma muito mais primitiva de escada, escavada a partir de uma árvore, que ainda existe entre os Pueblos.”*¹⁰ Também existe nesta exposição, mas nesta exposição é uma escada de outros primitivos, é uma escada Dogum, de África. Tanto a escada Dogum da exposição como a escada Pueblo da imagem são símbolos estabilizados do cosmos, *“os degraus e as escadas incorporam a experiência primordial da humanidade, são o símbolo do movimento para cima e para baixo no espaço. O círculo e a serpente enrolada são um símbolo do ritmo do tempo.”*

A relação com o cosmos é uma medida do drama humano, ou como diz Warburg: *“A contemplação do céu é a graça e a maldição da humanidade.”* Warburg transporta este drama para a prática espacial: *“O índio cria um elemento racional na sua cosmologia através da equação entre a casa mundo com o seu teto em escada e a sua própria casa onde se entra através da escada.”* Mas esta coincidência, esta dobra entre a realidade física e a realidade cosmológica, não é uma cosmologia tranquila porque a amante da casa mundo é a mais inquietante das criaturas, é a serpente. É ao regressar a casa que aparece o mais inquietante dos símbolos: a serpente...

As danças mascaradas que a princípio nos parecem acessórios festivos do quotidiano são de fato práticas mágicas para o

10 · Ibid. p.15-16.

forms himself into a
mal or corn—he be
transformation) h
what he cotermin
ber, vigilant work a
pressions of (applied
is schizoid; magic a

The synchrony
tion and fantastic,
Indians' peculiar co
They are clearly no
senses, for whom r
can exist; but neith
ropeans, for whom
ganically or mecha
middle ground betw
strument of orienta
of touch and a cult
bolic connection. A
and conduct, the da
plary.

When I first saw
it struck me as qui
for the folklorist int
the roots of human
ment more dangero
popular practices th
the comical element
stantly shuts off ins

At San Ildefonso
long been under A
sembled for the da
armed with a large
Figure 10, in front
the dancers arrange
and assumed the ch
posture. The two r

IMAGES FROM THE R

trovão. E a oração de media-
mundial e a serpente em zig-
zóicos da imagem. E a forma
da, e a forma da escada é tam-
e chama de cosmogonia...um
lar em pé.

sentou a Warburg esta paisa-
do muito consistente, as ima-
a em que o seu amigo padre
a mediação de intérpretes. O
e evangelizava. Warburg vai à
e vê que nas paredes havia os
as crianças. Os desenhos são
cada. "o ornamento em zig-zag
uito mais primitiva de escada,
nda existe entre os Pueblos."¹⁰
esta exposição é uma escada
um, de África. Tanto a escada
eblo da imagem são símbolos
s escadas incorporam a experi-
mbolo do movimento para cima
te enrolada são um símbolo do

didada do drama humano, ou
céu é a graça e a maldição da
drama para a prática espa-
na sua cosmologia através da
em escada e a sua própria casa
sta coincidência, esta dobra
mológica, não é uma cosmo-
mundo é a mais inquietante
ar a casa que aparece o mais

cípio nos parecem acessó-
o práticas mágicas para o

forms himself into an imitation of his booty—be that animal or corn—he believes that through mysterious, mimic transformation he will be able to procure in advance what he coterminously strives to achieve through his sober, vigilant work as tiller and hunter. The dances are expressions of applied magic. The social provision of food is schizoid: magic and technology work together.

17

The synchrony [*Nebeneinander*] of logical civilization and fantastic, magical causation shows the Pueblo Indians' peculiar condition of hybridity and transition. They are clearly no longer primitives dependent on their senses, for whom no action directed toward the future can exist; but neither are they technologically secure Europeans, for whom future events are expected to be organically or mechanically determined. They stand on middle ground between magic and logos, and their instrument of orientation is the symbol. Between a culture of touch and a culture of thought is the culture of symbolic connection. And for this stage of symbolic thought and conduct, the dances of the Pueblo Indians are exemplary.

When I first saw the antelope dance in San Ildefonso, it struck me as quite harmless and almost comical. But for the folklorist interested in a biologic understanding of the roots of human cultural expression, there is no moment more dangerous than when he is moved to laugh at popular practices that strike him as comical. To laugh at the comical element in ethnology is wrong, because it instantly shuts off insight into the tragic element.

At San Ildefonso—a pueblo near Santa Fe which has long been under American influence—the Indians assembled for the dance. The musicians gathered first, armed with a large drum. (You can see them standing, in *Figure 10*, in front of the Mexicans on horseback.) Then the dancers arranged themselves into two parallel rows and assumed the character of the antelope in mask and posture. The two rows moved in two different ways.

IMAGES FROM THE REGION OF THE PUEBLO INDIANS

aprovisionamento idealizado da comida, são medidas guerreiras, medidas para a luta pela subsistência. A guerra aqui é com a subsistência. É o que Warburg chama magia aplicada. A magia aplicada é a sobreposição do ritual propiciatório com o absoluto pragmatismo. “*Eles (os índios) estão na zona intermédia entre a magia e o logos e o seu instrumento de orientação é o símbolo.*” Entre este território estranho e inquietante, entre a magia e o pensamento, a bússola que eles têm é o símbolo. “*Entre uma cultura do tocar e uma cultura do pensar está a cultura das ligações simbólicas.*” O problema aqui não é nenhuma análise etnográfica, é uma análise da concomitância, da permanência da contaminação, entre o toque e o pensamento está o simbólico... vale a pena recordar outro texto sobre uma prática medica que acha falso tudo aquilo em que não pode tocar, porque não estabelece relações causais.

Regressemos aos rituais, mais precisamente ao ritual do antílope, da dança do antílope. Warburg descreve este ritual como uma prática totêmica, de reverência e incorporação animal. A propósito dos rituais é relevante recordar o teste que Warburg faz com as crianças, um teste fundamental para interpretar a persistência de uma cultura transversal, contaminada. As crianças que aprendem a irreverência do ritual da Serpente são as mesmas que vão à escola aprendem a ler. Pede às crianças para desenharem uma trovoada, para perceber que inquietações assombram as coincidências simbólicas... quais são as crianças que desenharam raios e quais são as crianças que representam a serpente nos raios. Imagens dentro das imagens que alimentam o trabalho de Warburg. Imagens porque de fato ele não viu o ritual principal, ele viu a dança do antílope, viu o ritual da adoração da árvore, mas não viu o ritual da serpente. Mesmo o modo como descreve o ritual do culto da árvore é particularmente gráfico, é uma imagem... a árvore tem raízes, portanto a árvore é uma abertura simbólica para o mundo subterrâneo, cresce da terra. E as penas utilizadas no ritual são depois plantadas. São mediadores, plantados para fertilizar a relação com terra.

Warburg chega finalmente ao centro, ao ritual mais importante, à mais extrema aproximação deste desejo de magia, de comunhão mágica com a natureza e com a vida animal, a dança das serpentes vivas, a mais pagã de todas as cerimónias. “*A aproximação mais*

extrema ao desejo mágico animal pode ser observada em pentes vivos em Oraibi e Walpi.”¹¹ A mais pagã de quando é crítico que o sol a colheita do milho. Todas as trovoadas redentoras vivas. Finalmente regresso as cobras são trovoadas verão que tem de regar a precisa. Quando as serpentes fazem parte, diz que elas panheiro fazedores de claros mistérios, e apesar da resbenta, medicada.” Esta onde se cruzam mais coisas medicada, “e depois é atirada de areia feita no chão do t um quadrúpede no meio. a massa das nuvens a par ridas. [...] Cada cobra é a de modo a que o desenho se A parte central do desenho linha que é atirada contra e que faz desvanecer a p -interpretação, gosto de do desenho: atirar uma desenho absorve a linha necer. Esta é a parte cen água-benta, por que isto linha contra o desenho. como mensageiros. Este porque a seguir é a evic uma espreitadela na dis na humanidade primiti

11 · *Ibid.* p.35-36.

, são medidas guerreiras, guerra aqui é com a subsistida. A magia aplicada é n o absoluto pragmatismo. *Entre a magia e o logos e o seu* entre este território estranho nto, a bússola que eles têm *uma cultura do pensar está a* a aqui não é nenhuma aná- tância, da permanência da nto está o simbólico... vale tica medica que acha falso ue não estabelece relações

nente ao ritual do antílope, este ritual como uma prá- io animal. A propósito dos rburg faz com as crianças, sistência de uma cultura e aprendem a irreverência vão à escola aprendem a na trovoada, para perceber cias simbólicas... quais são são as crianças que repre- ntro das imagens que ali- porque de fato ele não viu o e, viu o ritual da adoração nte. Mesmo o modo como cularmente gráfico, é uma árvore é uma abertura sim- la terra. E as penas utiliza- mediadores, plantados para

ao ritual mais importante, o de magia, de comunhão mal, a dança das serpen- nias. "A aproximação mais

extrema ao desejo mágico de unidade com a natureza através do mundo animal pode ser observado entre os Índios Moki, na sua dança com serpentes vivas em Oraibi e Walpi [...] a mais pagã de todas as cerimónias Walpi."¹¹ A mais pagã de todas as cerimónias acontece em Agosto quando é crítico que o solo seja abençoado com a água para assegurar a colheita do milho. Toda a colheita está contingente às trovoadas, as trovoadas redentoras invocadas através da dança das serpentes vivas. Finalmente regressa a união simbólica da primeira imagem: as cobras são trovoadas para este momento preciso, as trovoadas de verão que tem de regar as colheitas. A descrição de Warburg é muito precisa. Quando as serpentes são vivas, Warburg não diz que elas fazem parte, diz que elas participam. São participantes rituais, companheiro fazedores de chuva. "A serpente é tratada como um noviço dos mistérios, e apesar da resistência, a sua cabeça é mergulhada em água benta, medicada." Esta é a passagem (descrita como um desenho) onde se cruzam mais coisas, a cabeça da cobra é mergulhada em água medicada, "e depois é atirada contra uma pintura de areia. Uma pintura de areia feita no chão do templo representando quatro cobras trovão com um quadrúpede no meio. Noutra templo um desenho de areia representa a massa das nuvens a partir do qual emergem quatro cobras trovão coloridas. [...] Cada cobra é atirada violentamente contra o desenho de areia de modo a que o desenho seja obliterado e a serpente absorvida pela areia." A parte central do desenho, a cobra mergulhada em água benta, é a linha que é atirada contra o desenho, que é de areia, que se desvanece e que faz desvanecer a própria cobra. Entrando no terreno da sobre- interpretação, gosto de pensar nesta passagem como uma alegoria do desenho: atirar uma linha contra um desenho. Evidentemente o desenho absorve a linha, mas absorve a linha ao preço de se desvanecer. Esta é a parte central do ritual, primeiro molha-se o pincel em água-benta, por que isto é magia, e depois atira-se violentamente a linha contra o desenho. Depois as cobras eram largadas na planície como mensageiros. Este é o fim, o clímax desta relação com o ritual, porque a seguir é a evidência da persistência, a seguir a isto temos uma espreitadela na disseminação do mito e das práticas mágicas na humanidade primitiva na cultura pagã clássica, ou hoje. Entre

11 · *Ibid.* p.35-36.



ABY M. WARBURG



IMAGES FROM THE REGION OF



ABY M. WARBURG

IMAGES FROM THE REGION OF THE PUEBLO INDIANS

Laoconte e Asclépio e sua serpente enrolada, depois surgem as cobras crucificadas... e a terra de Malta que cura contra as serpentes porque São Paulo atirou a serpente ao fogo e curou-se com isso. Isto foi em Malta e há uma pintura de onde vem esta crendice até hoje. Warburg passa por tudo isto, usa as crianças, usa os inocentes para demonstrar a permanência das imagens, e escolhe o desenho da criança que acha que a trovoada são cobras. O ritual da serpente é esse, conjurar a trovoada de verão, é um ritual sedentário. Um ritual de re-povoação, não se chamassem eles povoação, misturando a carga simbólica nómada com a prece para que chova sobre o milho, em Agosto. *“Esta noite espero ter sido capaz de mostrar brevemente a permanência ou a sobrevivência do culto mágico da serpente como um exemplo da condição primordial cujo refinamento, transcendência e transformação são trabalho da cultura moderna.”* Aí ele olha para o Tio Sam para perceber a sobrevivência: *“sobre o seu chapéu passa um cabo eléctrico. A serpente de cobre de Edison subtraiu a trovoada à Natureza. [...] O trovão aprisionado num fio, a eletricidade capturada, produziu uma cultura sem utilidade para o paganismo.”* Warburg nunca deixa de falar com o seu presente: *“O Prometeu moderno e o Ícaro moderno: Franklin e os irmãos Wright, que inventaram o avião, são precisamente os sinistros destruidores do sentido de distância, que ameaçam conduzir o planeta de volta ao caos.”* A eletricidade e o avião são o instantâneo, o tempo que contraí a distância, e que Warburg acha absolutamente ameaçador. *“O telegrama e o telefone destroem o cosmos. O pensamento simbólico e mítico tentam formar vínculos espirituais entre a humanidade e o mundo que a rodeia, conformando a distância no espaço necessário para a devoção e a reflexão. Esta distância desmontada pela ligação instantânea.”* Warburg reclama uma espécie do fim da aura, fim da proximidade distante, sem a distância que torna possível chegar perto. Todo o cosmos que se baseava nisto parece desaparecer...



Fig. 31. "Uncle Sam."

distance. The pois
outer demoniac for
evening I was able
survival of the mag
primordial conditi
dence, and replace

The conqueror
lightning, the inhe
the gold seeker wh
graph I took on a s
in a stovepipe hat.
cal rotunda. Abov
this copper serpen
from nature (Figu

IMAGES FROM THE

la, depois surgem as cobras
 contra as serpentes porque
 ou-se com isso. Isto foi em
 credence até hoje. Warburg
 os inocentes para demons-
 e o desenho da criança que
 a serpente é esse, conjurar
 rio. Um ritual de re-povo-
 misturando a carga simbó-
 sobre o milho, em Agosto.
brevemente a permanência
te como um exemplo da con-
ndência e transformação são
 para o Tio Sam para per-
 passa um cabo eléctrico. A
 cada à Natureza. [...] O tro-
 turada, produziu uma cul-
 burg nunca deixa de falar
 e o Ícaro moderno: Franklin
 são precisamente os sinistros
 eçam conduzir o planeta de
 instantâneo, o tempo que
 absolutamente ameaçador.
 O pensamento simbólico e
 tre a humanidade e o mundo
 oação necessário para a devo-
 pela ligação instantânea.”
 aura, fim da proximidade
 el chegar perto. Todo o cos-
 cer...



Fig. 31. "Uncle Sam."

distance. The poisonous reptile symbolizes the inner and outer demoniac forces that humanity must overcome. This evening I was able to show you all too cursorily an actual survival of the magical serpent cult, as an example of that primordial condition of which the refinement, transcendence, and replacement are the work of modern culture.

The conqueror of the serpent cult and of the fear of lightning, the inheritor of the indigenous peoples and of the gold seeker who ousted them, is captured in a photograph I took on a street in San Francisco. He is Uncle Sam in a stovepipe hat, strolling in his pride past a neoclassical rotunda. Above his top hat runs an electric wire. In this copper serpent of Edison's, he has wrested lightning from nature (Figure 31).

The American of today is no longer afraid of the rattlesnake. He kills it; in any case, he does not worship it. It now faces extermination. The lightning imprisoned in wire—captured electricity—has produced a culture with no use for paganism. What has replaced it? Natural forces are no longer seen in anthropomorphic or biomorphic guise, but rather as infinite waves obedient to the human touch. With these waves, the culture of the machine age destroys what the natural sciences, born of myth, so arduously achieved: the space for devotion, which evolved in turn into the space required for reflection.

The modern Prometheus and the modern Icarus, Franklin and the Wright brothers, who invented the dirigible airplane, are precisely those ominous destroyers of the sense of distance, who threaten to lead the planet back into chaos.

Telegram and telephone destroy the cosmos. Mythical and symbolic thinking strive to form spiritual bonds between humanity and the surrounding world, shaping distance into the space required for devotion and reflection: the distance undone by the instantaneous electric connection.

ABY M. WARBURG

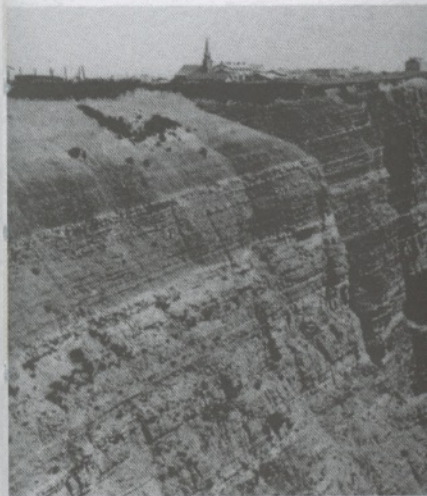


Fig. 33. Heligoland. Postcard from the War

f today is no longer afraid of the
it; in any case, he does not worship
mination. The lightning imprisoned
electricity—has produced a culture
nism. What has replaced it? Natural
er seen in anthropomorphic or
ut rather as infinite waves obedient
With these waves, the culture of the
s what the natural sciences, born of
achieved: the space for devotion,
n into the space required for reflec-

ometheus and the modern Icarus,
ght brothers, who invented the diri-
precisely those ominous destroyers of
e, who threaten to lead the planet

ephone destroy the cosmos. Mythi-
inking strive to form spiritual bonds
nd the surrounding world, shaping
ce required for devotion and reflec-
done by the instantaneous electric

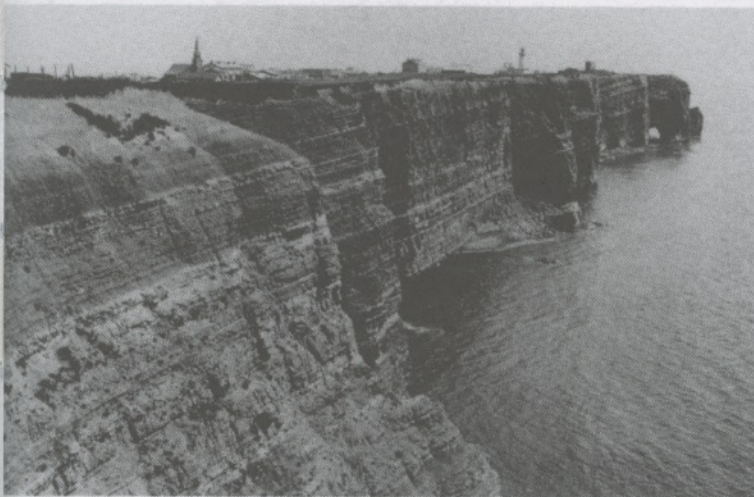


Fig. 33. Heligoland. Postcard from the Warburg Archive.

Encontros Para Além da História
Beyond History Encounters

Conceção / Design
NUNO FARIA

Colaboração / Collaboration
SERVIÇO EDUCATIVO—A OFICINA CIPRL

Produção / Production
A OFICINA CIPRL

Presidente de Direcção / President of the Board
FRANCISCA ABREU

Diretor / Director
JOSÉ BASTOS

Produção Executiva / Executive Production
JOÃO COVITA, PEDRO SILVA

Evento integrado na programação paralela da exposição *Para Além da História* com organização do serviço educativo de A Oficina CIPRL.

Event integrated within the parallel programming of the *Beyond History* exhibition, organized by the educational service of A Oficina CIPRL.

Cadernos CIAJG - Encontros Para Além da História
CIAJG Notebooks - Beyond History Encounters

Edição / Publisher
GUIMARÃES 2012 CAPITAL EUROPEIA
DA CULTURA E A OFICINA CIPRL

Conceção Editorial / Editorial Design
NUNO FARIA

Conceção Gráfica / Graphic Design
JOANA & MARIANA

Produção / Production
A OFICINA CIPRL

Produção Executiva / Executive Production
JOÃO COVITA, PEDRO SILVA

Transcrição / Transcription
ANA AMORIM

Tradução / Translation
MARTIN DALE, LINGUAEMUNDI TRADUÇÕES

Revisão / Copy-editing
MARTIN DALE (EN), NUNO FARIA (PT)

Copyright Imagens / Images
OS AUTORES e WARBURG INSTITUTE, pp 14, 23, 29, 31, 32 CINEMATECA PORTUGUESA—MUSEU DO CINEMA, pp 78, 82, 87, 91 VASCO CÉLIO/ STILLS, pp 94, 100, 102, 138, 152, 181, 194, 210, 220, 226, 238, 246 e 268.

Copyright Textos / Copyright Texts
Os Autores. The Authors

Pré-impresão, impressão acabamento
Pre-printing, printing and finishing
EMPRESA DIÁRIO DO PORTO

Tiragem / Print-run 1000

ISBN 978-989-98505-2-1

Depósito Legal / Legal Deposit 361870/13

Um especial agradecimento aos autores cujas intervenções consubstanciam a presente edição. Imagens de capa e miolo correspondem a chapas fotográficas que foram gentilmente cedidas pelo Observatório Astronómico Professor Manuel de Barros.
A special thanks to the authors who provided the speeches that are compiled within this publication. The images on the front cover and inside this book have been generously ceded by the Professor Manuel de Barros Astronomical Observatory.

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios electrónico, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita dos editores.
All rights reserved. This work may not be reproduced in whole or in part, in any form or by any electronic means, including photocopying, magnetic recording or any storage process or information retrieval system, without written permission from the publishers.